

PROFESSORA¹ NA BIBLIOTECA: UMA PRÁTICA INOVADORA E RENOVADORA NA REDE MUNICIPAL DE RECIFE

Camilla Amorim de Lima²

Carla Raphaela Cavalcanti de Lemos³

Ester Calland de Sousa Rosa⁴

Resumo:

O presente artigo traz à discussão as práticas realizadas em bibliotecas escolares da Rede Municipal do Recife, atendidas pelo Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, que possuem ou não professoras que realizam a docência nesse espaço, a fim de entendermos o papel e importância desse profissional. Os resultados obtidos a partir de entrevistas com os sujeitos (gestores, alunos, professoras regentes e professora de biblioteca) que participam diretamente da biblioteca e observações das práticas acontecidas nesse mesmo espaço nos permite concluir que a presença de um profissional qualificado na biblioteca escolar é fundamental para que a mesma desempenhe uma função pedagógica centrada na leitura e no acesso ao livro.

Palavras-chave: Bibliotecas escolares, Professora de biblioteca, Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, práticas de incentivo à leitura.

1. Introdução

Sabemos que a escola possui diversas funções, não apenas educativas, mas também sociais, ou seja, deve-se trabalhar todas as dimensões que um indivíduo possa ter, a exemplo as dimensões: cognitiva, espiritual, emocional, etc. que em um conjunto, tem por objetivo formar o indivíduo em sua totalidade. Para isso, a educação não deve ser realizada apenas nas salas de aula. É preciso que os alunos vivenciem diversas experiências e em espaços diferenciados para que o que se aprende venha a ter significado.

Dentre os espaços extra sala de aula, temos a biblioteca escolar e em relação à utilização desse ambiente percebemos que ainda se reproduz uma relação da desvalorização da biblioteca, servindo, em alguns casos, como depósito de livros, funcionando apenas para empréstimo. Em outros casos a biblioteca serve como espaço destinado ao castigo, onde os estudantes são isolados para a realização de tarefas.

¹ O termo “professora” é utilizado pelo programa que serviu de base para a pesquisa, não indicando, portanto, um recorte de gênero.

² Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação - UFPE: milla_517@hotmail.com

³ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação - UFPE: crclemos@gmail.com

⁴ Professora do Departamento de Psicologia – Centro de Educação – UFPE: esterosa2014@gmail.com

As concepções a respeito da biblioteca escolar mudaram no decorrer dos anos como percebemos nos estudos realizados por Campello (2003) que nos mostra a biblioteca inicialmente como espaço para localização de informação, local de estudos, até chegar à compreensão de que o espaço deveria estimular uma consciência mais crítica em relação à informação e, a partir daí a autora argumenta que passa a ter uma necessidade maior da presença do bibliotecário de maneira mais ativa no planejamento da utilização daquele espaço.

Já para Arena (2009), o conceito de biblioteca escolar pode ser determinado a partir de uma visão orientada pela própria formação profissional, ou seja, se tiver formação em biblioteconomia certamente conceberá a biblioteca como promessa de local de trabalho; se formado em pedagogia verá a biblioteca como local de apoio para suas atividades em sala de aula.

No entanto, conforme Campello (2005, p. 17-18 In: Batista 2009, p. 23) os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) reforçam que o papel da biblioteca escolar em geral, seja desenvolver programas de leitura eficientes em formar leitores que compreendam o que leem, ser um local que desperte o gosto pela leitura (e a escola é um espaço que deve estimular o desejo de frequentar a biblioteca, contribuindo pelo apreço do ato de ler), também deve ser um local de aprendizagem permanente, onde se torna possível encontrar informações que sejam utilizadas para responder aos questionamentos das diversas áreas curriculares e é importante ainda que a biblioteca desenvolva práticas como “respeito ao ambiente coletivo, respeito ao livro didático” bem como o conceito de espaço público.

Diante do exposto, pode-se entender que a biblioteca escolar também é um espaço pedagógico para o ensino-aprendizagem dos alunos e portanto deve estar incorporado no projeto político pedagógico e no cotidiano escolar. Se é importante a existência da biblioteca em si, enquanto espaço destinado à leitura e à apropriação de informações, destaca-se, ainda, a relevância também de possuir um profissional qualificado para exercer a função de dinamizar o espaço e utilizar práticas de incentivo à leitura.

Considerando a realidade existente na rede municipal de ensino do Recife em que algumas vezes conta com a professora na biblioteca, contudo não possui estrutura adequada, ou até possuem o espaço adequado, mas não

conta com a professora nesse local, definimos como objeto de pesquisa a investigação acerca da importância da presença da professora de biblioteca na biblioteca escolar e como ocorre na prática a utilização deste ambiente destinado à leitura, empréstimo de livros, estudos, etc. nas escolas que foram contempladas com a reestruturação a partir do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores (PMBFL) implantado em 2006. Para tanto, pretendemos compreender qual a visão dos gestores, professores e estudantes dessas escolas em relação a esse espaço e ambiente também pedagógico, como também da professora de biblioteca.

Pelo fato da escola ser um espaço de formação e aprendizagem permanentes, é preciso que os alunos usufruam da melhor maneira dos benefícios que lhes são oferecidos, bem como o desenvolvimento de suas potencialidades.

A partir do momento que é permitido aos alunos ter experiências enriquecedoras no espaço da biblioteca, exercendo sua autonomia, colocando-se como sujeitos ativos no processo de construção e descoberta do conhecimento, terão um melhor desempenho em sua vida escolar.

Definimos, então, como objetivo geral da nossa pesquisa: analisar as práticas de duas bibliotecas escolares inclusas no Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores (PMBFL) em seus diferentes contextos. Esse objetivo se desdobra em objetivos específicos, quais sejam: 1) identificar a importância da biblioteca na visão da comunidade escolar no que diz respeito à formação global dos alunos; 2) Entender na prática a função da professora de biblioteca dentro das bibliotecas escolares; 3) refletir sobre a importância da professora de biblioteca na ótica de diferentes membros da comunidade escolar; 4) comparar as vivências observadas nas escolas, buscando evidenciar se há diferenças entre as bibliotecas que têm professora de biblioteca e aquelas que não têm nenhum profissional específico nessa função.

Continuaremos os próximos itens deste artigo, aprofundando sobre as concepções de bibliotecas da década de 50 até a década de 80, discutidas por Campello (2003) tendo como referência a realidade dos Estados Unidos da América e suas contribuições para o pensamento biblioteconômico. Será discutido também sobre o perfil dos profissionais que atuam nesse espaço. Logo após apresentaremos o PMBFL, para então apresentarmos a

metodologia que foi utilizada, seguida pelos resultados que obtivemos na pesquisa. Por fim apresentaremos nossas conclusões.

2. Concepções de biblioteca escolar e os profissionais envolvidos na dinâmica desse ambiente

Até a década de 1950, não existia o que se chama de “educação dos usuários” nas bibliotecas escolares. Nesta década, como decorrência de movimentos de associações de bibliotecários, a biblioteca escolar passou a ser vista como local de estudo, que realizava um serviço de referência. Era um momento chamado de “abordagem da fonte”, segundo Kuhlthau (1987, p.23 apud CAMPELLO, 2003, p. 29), em que o estudante, designado como usuário, era treinado para manusear e encontrar nesse espaço o que era relevante para sua aprendizagem.

Seguindo ainda a categorização proposta por Kuhlthau (op. cit.), na década de 1960 temos um contexto conhecido como “abordagem guia” que ainda utilizava os espaços das bibliotecas escolares para treinar o usuário, porém esse ensino deveria estar ligado ao currículo escolar (CAMPELLO, 2003, p. 29).

Apesar de compreender o ensino verbalista, focado no professor, existia a consciência de que a biblioteca escolar poderia contribuir como apoio para as novas estratégias didáticas que envolviam uma postura mais ativa dos estudantes. Nessa época havia programas que visavam levar o aluno a questionar e refletir sobre as informações a que teve acesso nesse local, fato este que exigia a presença mais ativa do profissional bibliotecário no planejamento curricular. Foi um momento marcado pela ação ativa dos bibliotecários numa tentativa de afirmarem o valor de suas ações educativas e contribuírem com os ideais pedagógicos da época.

A partir de 1975, passa-se a compreender que as bibliotecas precisavam passar por ampliações no que diz respeito à sua prática, principalmente pela influência da tecnologia tão vigente na época. Portanto, baseada em Liesener (1985, p.13), Campelo afirma que mesmo que as bibliotecas desenvolvessem um papel importante, não conseguiam atender a todas as necessidades para sua sobrevivência e realização em um mundo cheio de informações que mudam de maneira muito rápida (CAMPELLO, 2003, p.30).

Na década de 1980 surgiram novas diretrizes que procuraram estabelecer de maneira mais clara as funções pedagógicas do bibliotecário, o qual deveria participar juntamente com professores e dirigentes da escola no planejamento do programa da biblioteca escolar. Função esta que estaria ligada não apenas ao ensino da localização da informação, mas também ao ato de ler, ouvir, ver e pensar criticamente. Desde então vem surgindo uma nova discussão a respeito do profissional adequado para atuar nas bibliotecas escolares de maneira que proporcionem uma vivência maior dos alunos nesse espaço para uma melhor construção do conhecimento.

Sobre essa discussão encontrada em meio ao campo educacional, Mota (s/d) diz que o professor dentro da biblioteca tem resumidamente a função pedagógica nos projetos a serem desenvolvidos para a formação de leitores em todos os seus aspectos. Já o bibliotecário tem por função a organização, catalogação, disponibilização e empréstimo do acervo, além do suporte a busca e recuperação de informações. O que permite entender que são funções totalmente diferentes e que um não tira o lugar do outro na biblioteca escolar.

Concordamos com Mota (s/d), baseada em KUHLTHAU (2002) e ROCKWELL (2001), quando ressalta a importância da interação e envolvimento entre esses dois profissionais, a fim de garantir um melhor andamento do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Mota (s/d) traz dentro do próprio Manifesto da UNESCO que:

(...) quando os bibliotecários e os docentes cooperam entre si, os alunos conseguem alcançar níveis mais altos de conhecimento, leitura, aprendizagem, solução de problemas e competências no que diz respeito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação. (p. 6)

Dessa forma, “fica clara a ideia de que a interação entre professores e bibliotecários além de possível, é extremamente necessária.” (MARTINEZ & CALVI, 1994 In: Mota, s/d, p. 6)

A pesquisa realizada por Rosa (2011), sobre professores na biblioteca escolar, nos mostra que os mesmos reconhecem “que sua função não se confunde com a do bibliotecário e que esses profissionais precisam ter seu espaço garantido nos sistemas educacionais.” (p. 293) Eles apontam sua função “para um trabalho de articulação com outros profissionais da escola”

(idem, p.293) e lamentam a ausência desses profissionais na equipe das bibliotecas escolares.

Apesar de acreditarmos que o ideal seria a ação conjunta desses profissionais, a nossa realidade mostra limites por não contarmos com o bibliotecário, visto que as redes de ensino, e particularmente a de Recife, local onde o presente estudo se localiza, não oferecem processo seletivo para a atuação desse profissional nas escolas. No entanto, entendemos que a presença apenas do bibliotecário não é suficiente para que a biblioteca exerça sua função educativa.

O que se evidencia em diferentes estudos na área é que a biblioteca situada na escola precisa estar articulada com as diversas práticas educativas que ocorrem naquelas instituições e que o saber técnico elaborado no campo da biblioteconomia também tem sua contribuição a dar para essas práticas. Se considerarmos que existem muitas instâncias de mediação entre leitores e livros no espaço da biblioteca escolar, diferentes profissionais

Nesta direção, identificamos que o PMBFL tem como proposta que o profissional formado em pedagogia seria o ideal para trabalhar nesse espaço. Apresentaremos a seguir o Programa em questão e suas concepções básicas de biblioteca escolar.

3. Programa Manuel Bandeira para a Formação de Leitores (PMBFL)

No Brasil, políticas públicas de promoção da leitura têm diferentes formatos e ênfases. No âmbito federal, o Ministério da Educação (MEC) tem realizado algumas ações voltadas para a biblioteca escolar, iniciando com o Programa Salas de Leitura (1984 a 1987) que envolvia a distribuição de acervos, porém tinha atendimento restrito às escolas predefinidas anualmente, sem constituir-se numa política universal. Ainda numa linha que prioriza a distribuição de acervos, destacamos o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), instituído em 1997 e que vem progressivamente abrangendo todas as escolas públicas da Educação Básica, nas suas diferentes modalidades de atendimento (da Educação Infantil ao Ensino Médio).

A dimensão adquirida pelo PNBE expressa-se em números, com a distribuição do acervo coletivo em 1998, nas bibliotecas escolares, como também a distribuição do acervo individual, aos alunos das escolas ao qual já

tenham sido atendidas. No entanto, a partir de 2005, algumas alterações tiveram que ser realizadas, no que diz respeito à forma como o programa vinha sendo desenvolvido e a pesquisa Avaliação Diagnóstica do PNBE, realizada no mesmo ano, contribuiu para a definição das mudanças a serem realizadas.

Dos programas e/ou ações que vem sendo desenvolvidos, destacamos o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), criado em 2006 pelo Ministério da Cultura (MINC) articulado ao Ministério da Educação (MEC); o Profuncionário, que é um curso técnico de Formação para os funcionários da Educação que tem por objetivo ampliar o conhecimento dos funcionários da educação a respeito da biblioteca escolar e o PNBE – Programa Nacional Biblioteca. (PIMENTEL *et al*, 2007).

Embora seja evidente o esforço para apoiar escolas na constituição de acervos para a biblioteca escolar, nos parece que enquanto política, esta ação tem seus limites. Aliás, o próprio MEC parece reconhecer essa dimensão, quando conclui, em estudo realizado em âmbito nacional, que muitas bibliotecas continuam sem exercer uma função efetivamente pedagógica nas escolas brasileiras. Num esforço de elaborar e implantar uma política de leitura que abrangesse outras dimensões além da distribuição de livros, a rede municipal de Recife implantou, em 2006, o Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores que visava, segundo seus formuladores, desenvolver atividades de leitura, produção textual e exercício de criação no ambiente da biblioteca (BANDEIRA, 2009). Na perspectiva explicitada em documento oficial que apresenta o Programa, essas atividades são entendidas como prioritárias, junto com investimentos na estruturação de espaços físicos de bibliotecas e também com a distribuição de acervos. Naquela perspectiva, as metas do Programa seriam alcançadas, não pelo fato simples fato de existirem espaços que comportam livros de diversos gêneros, mas pela interação entre os sujeitos que nela atuam, com especial destaque para a professora de biblioteca, professores regentes, alunos e equipe gestora.

A ideia do Programa Manuel Bandeira é de propor que a biblioteca escolar seja não apenas um espaço de pesquisa ou de leitura deleite, mas principalmente de aprendizagens múltiplas e construção de conhecimento, integrado às demais práticas de ensino vivenciadas nas escolas.

Como o motivo da escolha das escolas onde realizamos nossa pesquisa tem por princípio a participação destas no Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, achamos pertinente esclarecer o Programa em questão.

O Programa surgiu em 2006 durante abertura do ano letivo e teve por objetivo fazer com que as atividades que giram em torno da biblioteca (leitura, produção textual e exercício de criação) se tornem práticas constantes. Isso porque é por meio delas que se ingressa no mundo da informação e também se constrói a cidadania. (BANDEIRA, *et al*, 2009)

Através do Programa pretendia-se melhorar a realidade das bibliotecas da rede pública de Recife que em 2005 possuía 67 espaços para uma rede de 200 unidades de ensino as quais a maioria não estava nos padrões básicos de biblioteca. Este padrão seria o de um tamanho mínimo de uma sala de aula com capacidade para 25 alunos. Então, decidiu-se realizar um concurso em que seriam selecionadas 40 escolas – sendo 20 para implantação das bibliotecas, e 20 para sua reestruturação. Em resposta ao edital público lançado pela gestão municipal, houve um envio de 58 projetos, sendo 35 para reestruturação e 23 para instalação de bibliotecas escolares em unidades da rede. Em resposta, a Secretaria de Educação decidiu acatar todos os projetos enviados, apoiando-os tanto na descentralização dos recursos quanto no apoio técnico e pedagógico nos investimentos a serem realizados com foco nas bibliotecas.

Os recursos destinados seriam empregados em reforma física, mobiliário, equipamentos e acervos. Os limites de custos foram os seguintes: para reforma física, R\$15000,00; e para mobília, equipamentos e acervos, R\$8000,00.

Em complemento a essa ação, a cada ano o Programa distribuía kits de livros para estudantes e professores, já que é a partir do livre acesso aos livros que podemos construir leitores, incentivar e suscitar o interesse dos alunos pela leitura. Além dos livros distribuídos, foram também distribuídos alguns bônus para aquisição de novos livros na Bienal do Livro de Pernambuco, nas edições de 2005 e 2007.

Juntamente com o surgimento do programa nasce a professora de biblioteca, o profissional que seria o responsável pelo espaço para que de forma completa fosse possível dar vida ao ambiente da biblioteca. Inicialmente,

pensava-se em um professor com talento para contar histórias. Porém, percebeu-se a necessidade de que tal profissional deveria ter um histórico com desenvolvimento de projetos didáticos com foco na leitura. Tendo essa perspectiva, no período de 2006 a 2008, foram realizados processos seletivos para que professores interessados na função pudessem ter uma lotação de um turno integral na biblioteca. Para tanto, era necessário apresentar um plano de trabalho a ser apreciado pela equipe do Programa e eram realizadas avaliações anuais para renovação da permanência na biblioteca. Em paralelo, também foi negociado com o setor de recursos humanos da Secretaria, que os casos de professores readaptados que tivessem interesse em atuar na biblioteca também precisariam apresentar projeto a ser submetido ao crivo dos responsáveis pelo Programa.

Sendo assim, pelo explicitado no documento norteador do Programa (BANDEIRA, *et al*, *op cit*) consideramos que as condições dadas seriam favoráveis à realização do presente estudo, que tem como foco a atuação de professoras como mediadoras no espaço da biblioteca escolar.

4. Metodologia

A nossa pesquisa foi de natureza qualitativa e empírica, já que estávamos procurando entender e analisar as práticas acontecidas nas bibliotecas escolares, ou seja, estabelecendo uma relação/interação dinâmica entre o mundo real e os nossos sujeitos. Nesse caso, a biblioteca escolar foi a nossa fonte direta para coleta de dados, característica também de uma pesquisa qualitativa. (KAUARK *et al*, 2010)

Já que nos utilizamos da atitude empírica, concordamos com KAUARK (*op.cit*) da necessidade da observação para se chegar à conclusão dos fenômenos os quais tentamos entender e analisar.

Partindo desse entendimento, ficou definido como instrumentos da nossa pesquisa: a observação e a entrevista semi-estruturada.

Como já tratado anteriormente, a observação constitui-se num procedimento da pesquisa empírica, um elemento básico da investigação científica e se torna importante na medida em que ajuda a nós, pesquisadores, "(...) a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os

indivíduos não tem consciência, mas que orientam seu comportamento.” (MARCONI E LAKATOS, 1990, p. 79)

Ander-Egg (1978, p. 96 in MARCONI E LAKATOS 1990, p. 80-81) apresenta quatro modalidades dentro do instrumento observação. Dentro dessa perspectiva, a observação por nós realizada ficou definida como: sistemática (semi-estruturada), não participante, em equipe e efetuada na vida real (trabalho em campo).

Assim como a observação, a entrevista é um importante instrumento numa pesquisa qualitativa, visto que a partir da conversação que estabelecemos podemos obter informações mais precisas focalizadas, fidedignas e validadas (GOODE E HATT 1969, p. 237 in MARCONI E LAKATOS 1990, p. 84).

Sendo assim, definimos que observaríamos duas bibliotecas contempladas com o Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores. As bibliotecas, apesar de terem em comum o fato de participarem do Programa, se diferenciam por apresentarem as seguintes características:

1ª escola - já contou com uma professora de biblioteca, mas que atualmente não possui nenhum profissional atuando nesta função.

2ª escola - conta com uma professora de biblioteca em suas práticas;

O critério que estabelecemos é que as escolas deveriam ter em comum a participação no Programa, o qual tinha uma de suas ações a reestruturação da biblioteca⁵. O período de reforma de ambas as bibliotecas foi próximo, o que aproxima as duas unidades em termos de investimento da comunidade escolar na reestruturação daquele equipamento.

Após as observações, realizamos uma entrevista semi-estruturada com o gestor, outra com a professora de biblioteca (na escola que a possuía), com um aluno e com um professor que tenha acompanhado o processo de reestruturação, pois entendemos que esses sujeitos são importantes e potenciais usuários da biblioteca. O registro da entrevista foi feito via gravador de áudio com o consentimento dos entrevistados e para os menores de idade, com o consentimento dos seus responsáveis.

⁵ Esta diferenciação se justifica pelo fato de que o PMBFL contempla escolas tanto na reestruturação de espaços de biblioteca já existentes quanto na implantação de novas bibliotecas.

O objetivo de entrevistar diferentes membros da comunidade escolar era para que assim pudéssemos comparar não apenas a prática nas bibliotecas, como também quais as visões dos diversos agentes envolvidos na escola no que se refere a essas práticas.

Compreendemos que a pesquisa educacional não é algo simples, visto que um dos objetos de seu interesse, a escola, tem uma realidade complexa. Sendo assim, nos utilizamos da triangulação de procedimentos, ou seja, uma multiplicidade de métodos. Na visão de Flick (1998, p.231 in Gurgel, 2007, p. 47):

(...) essa combinação é necessária, no sentido de que da sua própria “essência”, em virtude do rigor, do fôlego, da complexidade, da riqueza e da profundidade que o conhecimento das realidades pesquisadas exigem. (...) a “triangulação de métodos” não é uma ferramenta metodológica ou uma estratégia de validação, é, na verdade, uma alternativa para a validação, uma vez que a realidade objetiva nunca pode ser plenamente captada.

Partindo desse pressuposto, a utilização da entrevista e observação não teve como objetivo provar/checar algo, mas sim reconhecer que a realidade possui diversas dimensões e pontos de vista, o que nos proporciona uma visão/conhecimento amplo a respeito do nosso objeto de pesquisa, qual seja, a biblioteca escolar.

Quanto ao cronograma de coleta dos dados de campo, realizamos as observações durante duas semanas consecutivas, sendo quatro horas por dia em uma biblioteca por semana. Como categorias de análise previamente definidas, dividimos a observação em três blocos: a) Estrutura física e equipamentos, b) Dinâmica e funcionamento e c) Mediações. O conjunto de entrevistas foi realizado após esse período de observação e a sua pauta consistia em saber dos sujeitos o que pensavam sobre a biblioteca, qual a importância que atribuíam a esse espaço e sobre a presença do professor que atua nesse espaço.

Traremos nos próximos itens os resultados que obtivemos da pesquisa a partir das observações e entrevistas. Os mesmos foram divididos conforme a metodologia que utilizamos, ou seja, os blocos de observação (estrutura física e dinâmica/funcionamento/mediações) e a visão dos sujeitos escolhidos sobre as questões já pautadas anteriormente.

5. Espaço físico das bibliotecas

No período de nossas observações, tivemos contato com duas bibliotecas, ao qual vamos nos referir às mesmas por Biblioteca A e Biblioteca B, sendo a biblioteca A aquela que já contou com a participação de uma professora de biblioteca, mas que não tem mais; e a biblioteca B a que possui atualmente uma professora de biblioteca.

A biblioteca A é composta por uma sala ampla (maior que uma sala de aula comum) e que abriga estantes (encostadas às paredes), mesas redondas com cadeiras confortáveis, um cantinho para contação de histórias (com pufs, almofadas, tapete de material E.V.A. colorido), um ambiente propício para assistirem vídeos com cadeiras de plástico brancas, recursos audiovisuais (TV, DVD, Data show, e telão para projeção), materiais de apoio pedagógico (esqueleto humano, globo terrestre, modelo com os órgãos do aparelho digestivo), um balcão com computador para a professora de biblioteca e uma diversidade de gêneros textuais em acervo que atende desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Possui uma estante específica para educação ambiental, fruto de uma parceria da biblioteca com uma ONG do setor.

A Biblioteca B também possui um espaço amplo que conta com estantes de ferro dispostas encostadas nas paredes; mesas individuais, tanto para a Educação Infantil, quanto para o Ensino Fundamental, que podem ser colocadas juntas e formarem um círculo; balcão para as professoras de biblioteca e armários acima onde são guardados os DVD e demais materiais de apoio; recursos audiovisuais (TV e aparelho de DVD, aparelho de som); e seu acervo também atende as turmas da educação infantil e ensino fundamental.

Constatamos que a biblioteca A, tem uma estrutura bem melhor que a da biblioteca B, visto que a conservação dos materiais e equipamentos da primeira é superior à segunda. Podemos inferir que a qualidade dos materiais e equipamentos adquiridos podem influenciar no oferecimento na infraestrutura mais adequada e duradoura. Como ambas as escolas tiveram suas bibliotecas reestruturadas no mesmo período, como parte das ações do Programa Manuel Bandeira e que dava autonomia às escolas na escolha e aquisição dos equipamentos e mobiliário, pensamos que as escolhas da escola A parecem ter sido melhores que as da escola B, neste aspecto.

Quanto às mobílias, a primeira possui uma ambientação melhor, com a mobília mais bem disposta no ambiente da biblioteca, de maneira que proporciona fácil acesso por parte dos frequentadores ao seu acervo. Exceto uma estante infantil que, apesar de ser bastante colorida, é um pouco alta para o acesso das crianças. Porém, no geral são bem organizadas e bem dispostas, delimitando muito bem cada ambiente da biblioteca (estudo em grupo, vídeo, empréstimo, etc).

A ambientação é um fator importante no momento da leitura, pois além de pensar a respeito do que ler, é necessário refletir também onde ler. Como afirma Pieruccini (2011):

“Os ambientes de leitura, contudo, são espaços construídos e pensados, especificamente, para se ler. Não são meros espaços físicos, mas resultam da combinação entre os diversos elementos que os constituem e também das relações a que se propõem ou que se estabelecem nesses lugares.” (PIERUCCINI, 2011, P. 78).

Já a segunda biblioteca, possui estantes que são de ferro e um pouco antigas – estão enferrujadas na parte de baixo. Os livros são bem mesclados entre novos e antigos, percebemos isso pelo estado das capas e das páginas (alguns bem amarelados e com algumas capas até rasgadas). Quanto às mesas e cadeiras, algumas delas estão com as fórmicas soltando.

A disposição do mobiliário é adequada, as estantes são bem organizadas no ambiente, encostadas na parede possibilitando dessa forma maior mobilidade para os frequentadores do espaço. Porém, são altas, visto que a escola tem alunos da Educação Infantil e Fundamental I. As mesas são bem distribuídas na sala, contando com algumas menores para a Educação Infantil e tem um espaço amplo para a circulação entre as mesmas. O balcão da professora de biblioteca está bem posicionado, bem como os armários e suporte para televisão.

Portanto, nas duas bibliotecas observadas, a disposição favorece o acesso, a mobilidade e a diversificação das atividades de leitura a serem realizadas na biblioteca. Esses aspectos evidenciam que as bibliotecas foram pensadas e espacialmente organizadas tendo em vista seus potenciais usos: leitura individual silenciosa, leitura em grupos, acesso livre aos livros, roda de leitura ou contação de histórias.

Concordamos então, com Fernandes (2011) que afirma que no ambiente da biblioteca “o acesso aos livros deve ser livre, com mobiliário adequado à faixa etária do usuário, com espaço físico amplo, arejado, bem iluminado e pintura da parede e do teto com tons claros.” (FERNANDES, 2011, P. 341).

No tocante ao acervo, observamos que a sua organização e disposição é muito importante não apenas para sua localização, como também para atrair os frequentadores da biblioteca para a prática da leitura, principalmente as crianças.

Destacamos na Biblioteca A uma grande variedade do acervo nesse espaço. É fácil de ser localizado, já que são divididos por gênero (contos, carta, literatura universal, teatro, novela, literatura juvenil, romance, fábulas, suspense, etc); disciplinas (matemática, história, geografia, astronomia, religião, psicologia, antropologia, filosofia, sociologia, artes, etc); temas (meio ambiente, saúde, África, indígena, educação, folclore, etc); livros de referência (enciclopédias; dicionários; atlas); literatura infantil e revistas.

Já a biblioteca B possui uma diversidade no que diz respeito à literatura infantil, ao qual são separados por autores mais conhecidos (Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Pedro Bandeira), ou por gênero (assombração, bruxa, mistério, fada, fantasma, biografias, poesia, imagéticos, gibi); por temas (cultura africana, indígena, folclore, meio ambiente, saúde do corpo, história de Recife); atlas, enciclopédias; literatura brasileira, sexualidade, componentes curriculares (artes, ciências, português, matemática.).

Na primeira semana de observação, percebemos que a biblioteca estava passando por um período de organização do acervo e de recatologação. Percebemos que as professoras utilizaram uma estratégia para chamar mais atenção dos alunos à leitura – elas colocavam frases chamativas na legenda dos livros do acervo, como, por exemplo: “Aventura: salve-se quem puder!”. Também colocavam fitas coloridas na lateral dos livros e a mesma cor era colocada na prateleira a que o livro deveria estar fixado, funcionando também como uma maneira de organização quando fossem guardar os livros em seus locais, propiciando, dessa forma, uma autonomia na localização do acervo dos sujeitos frequentadores da biblioteca.

Encontramos muitas similaridades nas duas bibliotecas, pois, ambas receberam orientações em seus processos de formação continuada para sua

reestruturação através do Programa. Assim afirma o documento norteador do referido Programa:

“Para que tenham realmente eficácia, as políticas de leitura deverão propiciar a criação de ambientes públicos, devidamente adequados, que viabilizem o acesso à informação, em articulação com o desenvolvimento da leitura e da escrita.” (BANDEIRA, *et al*, 2009, p. 15).

Pelo fato de terem recebido a mesma orientação e formação, não percebemos evidências que diferenciem a organização espacial das duas bibliotecas pela ausência da professora em uma delas. São bibliotecas que foram pensadas para assegurar um acesso livre dos estudantes às estantes e cujo mobiliário e distribuição espacial favorecem usos diversificados, em situações de leitura livre ou dirigida por um mediador.

Podemos indicar, no entanto, que a ausência de profissionais da biblioteconomia faz com que os acervos sejam organizados de forma diferenciada, o que do ponto de vista da formação de usuários de bibliotecas nos parece um elemento limitador. O desconhecimento de sistemas de catalogação mais universais e que permitam de forma objetiva a localização do acervo, nos parece um limite desses dois espaços.

5.1 Dinâmica e funcionamento das bibliotecas

Entendemos a biblioteca como um espaço rico, que possui diversas formas de utilização para a formação do leitor. Ela deve ser encarada como:

“... um lugar dinâmico, um centro cultural, um espaço de descobertas e aprendizagens que precisa envolver a comunidade escolar em sua organização, programação e utilização, para que as práticas de leitura efetivadas sejam significativas.” (FERNANDES, 2011.p. 341)

A biblioteca A, quando foi reestruturada, contava com professora de biblioteca e com mediadores de leitura contratados pelo Programa, chegando a ter alguém responsável pelo espaço nos três turnos de funcionamento da escola. Tal situação persistiu até a metade do ano de 2012, quando a professora de biblioteca passou a integrar a equipe de direção da escola e não substituída de imediato. Por outro lado, destacamos que a gestão municipal do período de 2009 a 2012 não manteve a política de lotação de professores selecionados em bibliotecas, retomando a prática antiga de envio de

professores readaptados, sem critério previamente estabelecido. Além disso, a política de estágio na função de mediador de biblioteca também foi sendo progressivamente suspensa pela gestão municipal, que estabeleceu outras prioridades em termos de política de pessoal e de estágio. Sendo assim, a substituição da professora não foi realizada até o período de nossas observações.

Percebemos então, que a biblioteca em questão, no período da pesquisa, ainda encontrava-se sem professora de biblioteca responsável pela mesma. Logo, só era utilizada quando algum(a) professor(a) tomava a iniciativa de realizar alguma atividade com sua turma. Do contrário, a biblioteca permanecia fechada até que algum (a) professor (a) viesse a utilizá-la, não tendo um horário pré-estabelecido para sua utilização. As chaves da biblioteca localizavam-se na direção da escola, sendo necessário que o professor se dirigisse à direção para abrir a sala.

No período de nossa observação, acompanhamos somente uma dessas práticas, que foi envolvendo a professora de história, do 9º ano, que passou parte do filme “A fera”, como início de uma atividade a ser concluída após o intervalo em sala de aula. A aula era sobre república (fato que não conseguimos compreender a associação realizada pela mesma na realização da atividade).

Nesta situação, consideramos que a biblioteca foi utilizada como sala de vídeo, sem maior exploração das suas potencialidades. Como nota Pieruccini (2011), a biblioteca escolar deve estar ser um “espaço de aprendizagem, de apropriação e de vivências culturais.” (PIERUCCINI, 20110, p. 90), e não como um simples apoio à sala de aula, como ao longo dos anos foi considerada.

Nesta Escola, os alunos vão à biblioteca apenas quando o(a) professor(a) da turma decide fazer alguma atividade neste ambiente. Caso contrário, os alunos não frequentam o ambiente, tampouco ex-alunos e/ou pais; nem são realizados empréstimos (toda consulta é realizada no local, quando o professor os leva ao ambiente para isso).

Outro fator importante a ser destacado é que a biblioteca não oferece um atendimento semanal por turma pelo fato da mesma não ter todas as suas atividades ativas na ocasião. Quando deixou de ter com a professora de biblioteca, suas atividades passaram a se resumir em apoio às atividades de

sala de aula pelas professoras que decidem utilizar o espaço para complementação dos conteúdos curriculares através dos recursos disponíveis na biblioteca. Em outro caso, a mesma permanece fechada durante todo o dia. No período observado também não observamos nenhuma atividade de mediação com textos literários que tenha ocorrido no espaço da biblioteca.

É possível, portanto, percebermos que a ausência da professora de biblioteca prejudica em grande parte a vivência de construção de conhecimento e de identidades nesse espaço, pois, dentre as funções da professora, estão a de dinamizar saberes, articulando as informações com o processo de leitura e escrita, levando dessa forma a uma aprendizagem (BANDEIRA *et al*, 2009. P. 39). Porém, na fala da aluna entrevistada, da gestora e de uma professora regente, bem como uma visita à escola meses antes do início da nossa pesquisa, percebemos que esta biblioteca foi de fato, dinâmica por ter tido projetos que envolviam toda a comunidade escolar. Projetos que existiam em parceria entre a professora de biblioteca, a equipe gestora e os alunos com produções de vídeos, escrita de textos e histórias, exercício de criatividade, apresentações de teatro e fantoches. Ou seja, era realmente um espaço vivo, de produção, envolvimento e vivências culturais. Contava com projetos, pesquisas e havia um trabalho em conjunto entre a professora de biblioteca e demais professores e professoras regentes.

Sendo assim, evidencia-se que a existência de um espaço bem estruturado e conservado (ao nosso ver, mérito da gestão escolar que reconhece que o espaço deve estar sempre pronto para receber a comunidade escolar) não é suficiente para assegurar que a biblioteca se torne um local dinâmico e integrado às demais intervenções pedagógicas da escola como um todo. Portanto, é importante que os educadores visem ações e práticas nesse ambiente que levem os alunos a serem interessados em participar de atividades de produção e compartilhamento de informações, engajarem-se em circuitos culturais, apropriarem-se de diversas fontes de informação e reconhecerem que é importante que saibam organizar, elaborar e comunicar as informações construídas nas demais leituras. (PIERUCCINI, 2011, p. 91).

Em contraste, a biblioteca B funciona diariamente, nos três turnos. Como nossa pesquisa foi realizada no período da tarde, observamos que a mesma funciona das 13h30 às 17h, coincidindo com o horário do turno vespertino da

escola. As formas de atendimento são as mais diversas: há empréstimo de livros, há contação de histórias, participação da biblioteca no Boa Tarde da escola com leitura de poesias pelos alunos e o atendimento individualizado a estudantes no processo de aquisição da leitura. Este último ocorre no turno diferente ao que o aluno é matriculado, para que não precise se ausentar de suas aulas diárias para tal acompanhamento.

Além das atividades regulares, na primeira semana de observação, a biblioteca teve um funcionamento diferenciado em função da chegada de kits de livros a serem entregues individualmente a toda a escola, fruto de uma parceria da Secretaria de Educação com o programa *Nas ondas da leitura*⁶. A professora levava uma turma (ou metade dela) por vez, entregava os kits, conferia livro por livro para certificar que os alunos estavam recebendo o material completo, explicava que aquele kit não era simplesmente um presente, mas era fruto dos impostos que pagávamos, explicou o que é imposto e a turma escolhia um livro para que ela lesse com eles naquele momento.

Houve, portanto, um cuidado da professora de biblioteca de garantir que o processo de distribuição dos livros viesse junto com uma mediação de leitura e com uma reflexão sobre os cuidados e valorização do livro, pois, de acordo com Silva *et. al.* (2009), apenas “assegurar o acesso a uma boa quantidade e diversidade de livros não assegura o êxito na formação do leitor.” (p.51 e 52).

Nessa semana em questão, não houve empréstimos de livros, pois, conforme a mesma nos informou, não dispunha do tempo necessário para o registro, o que punha em risco o controle necessário nesse processo. Considerando que esta foi uma semana atípica, realizamos mais uma semana de observação na escola em questão.

Na segunda semana de observação identificamos algumas rotinas da biblioteca B, todas coordenadas e intencionalmente planejadas pela docente encarregada daquele espaço. Quando os alunos estão na biblioteca eles pegam livros emprestados e alunos de turno diferente aparecem para treinar a leitura com a professora de biblioteca. Temos como exemplo um aluno participante do projeto Mais Educação que ia para a biblioteca e lia pelo menos um livro acompanhado da professora de biblioteca. Ela deixava que ele

⁶ Proposta pedagógica da Editora IMEPH para mobilizar família e escola no incentivo a formação de alunos leitores e escritores.

tentasse ler sozinho, fazendo intervenções quando necessário (quando ele não conseguia ler alguma palavra). A princípio, por nossa presença no ambiente, o aluno ficou intimidado e afirmava não saber ler. Mas depois de um tempo, com incentivo nosso e da professora, ele deu continuidade ao seu acompanhamento.

No momento do intervalo, qualquer aluno pode frequentar a biblioteca, realizar empréstimo de livros, bem como devoluções e/ou realizar alguma leitura ou pesquisa, diferentemente dos momentos de mediação realizados pela professora e que são direcionados a toda uma turma por vez. A professora de biblioteca também dá apoio à professora do 2º ano alguns dias da semana, levando os alunos que têm mais dificuldade na leitura para realizarem leitura em voz alta, com acompanhamento individualizado da professora de biblioteca e devolutivas regulares à professora regente.

Na rotina estabelecida pela professora que atua na biblioteca, as turmas vão para a biblioteca toda semana, mas não possuem um horário semanal marcado para cada uma dessas. Já houve essa prática de horários fixos por turma, mas por problemas que aconteceram (imprevistos de ter que ficar com outra turma, e ainda por muitas vezes ter que cobrir alguma professora que faltou) a professora de biblioteca prefere ter mais maleabilidade e escolhe as turmas e traz para o espaço a cada dia.

A escolha das turmas é feita de modo aleatório, mas obedecendo a regra de que todas as turmas devem ir pelo menos uma vez por semana à biblioteca, mesmo que não possuam um horário fixo. Em média, a professora atende duas turmas por turno, sendo uma antes do intervalo do recreio, e a outra, após esse intervalo. A professora vai até a sala de aula, pega metade dos alunos e leva para a biblioteca. Após o término das atividades, ela leva os alunos de volta para a sala de aula e o restante vai com ela para a biblioteca. Por isso ela só consegue atender a duas turmas por turno, ou seja, quatro grupos com média de 45 a 50 minutos de atividade cada.

Essas programações funcionam da seguinte maneira, a professora geralmente escolhe um tema para trabalhar durante aquela semana (pode ser um tema, ou autor específico e ainda gênero). Na segunda semana de observação, a professora estava trabalhando o tema da Copa do mundo de futebol. Sendo assim, falou sobre os estádios (com suporte de um mapa),

mostrou quais as capitais dos estados brasileiros iriam acontecer os jogos da Copa. Ao final, a professora leu/realizou mediação de um livro de Ruth Rocha intitulado “A decisão do campeonato” e os alunos foram bastante receptivos.

Porém, ao que percebemos, a professora apenas leu a história e não realizou outras mediações de leitura que consideramos importantes. Ao dialogarmos com Riter (2009), compreendemos que é necessária a existência de atividades que façam dessa leitura um momento proveitoso, enriquecedor e construtor do leitor literário. O autor sugere quatro momentos na leitura, que são: I) Motivação: atividades que despertem o interesse dos alunos pela leitura; II) Leitura: é a leitura do texto/livro escolhido para aquele momento; III) Exploração: trata-se de atividades que podem ser realizadas durante ou após a leitura, e tem como objetivo levar os alunos a compreenderem e interpretar o texto lido, estabelecendo relação entre o texto e o mundo; IV) Extrapolação: estas são atividades para que os alunos exercitem sua criatividade e vão além do texto lido. (RITER, 2009, p. 76). Na nossa observação, a professora realizou uma atividade motivacional (apresentar o mapa e localizar cidades envolvidas na copa de futebol) e fez a leitura do texto.

Como parte da rotina de trabalho da professora de biblioteca, existe ainda um momento na quadra antes das aulas começarem, em que as crianças vão para as “boas vindas” e lêem algum trecho de poesia ou outro gênero textual como leitura deleite. Essa atividade é preparada pela professora de biblioteca junto com crianças que voluntariamente frequentam a biblioteca, por iniciativa própria.

Como nota Pieruccini (2011):

“É a biblioteca escolar que, em parceria com os demais educadores, definirá programas voltados à aprendizagem de diferentes saberes, tanto em relação aos projetos que se desenvolverão, articulados à sala de aula, como aos específicos do universo do livro, da leitura ou do próprio sentido da biblioteca.”. (PIERUCCINI, 2011, p. 90).

Apesar de reconhecermos que a biblioteca tem o potencial de realizar mais atividades que aquelas observadas por nós, consideramos que a biblioteca B, que possui professora de biblioteca, evidencia que existe um potencial de uso da biblioteca que depende de quem o dinamize e que a

simples existência do espaço e de profissionais sensíveis (como é o caso da escola A) é insuficiente para que a biblioteca cumpra todo o seu potencial.

Analisaremos agora como os professores, gestores, alunos e a professora de biblioteca compreendem o espaço em questão no que diz respeito a sua importância, reestruturação, utilização e sujeitos que atuam diretamente neste espaço.

6. Visões dos sujeitos sobre a biblioteca

6.1 Biblioteca A

Como já mencionado anteriormente, foram realizadas entrevistas com os principais sujeitos envolvidos com a biblioteca escolar (aluno, gestor, professor regente e professora de biblioteca, na escola que possuía) para que pudessemos entender a visão que tinham da biblioteca, da sua importância, do papel e importância que atribuem à professora de biblioteca. A ideia de entrevistas com os diferentes componentes da comunidade escolar apoiou-se na compreensão de que todos são potenciais usuários da biblioteca escolar, e, portanto, devem ter concepções acerca daquele espaço, seus usos e funções e sobre os profissionais que nele atuam.

Na biblioteca A, que não possuía mais a professora de biblioteca, percebemos a concordância de todos os sujeitos no que diz respeito à importância desse espaço na escola; A exemplo podemos ver na fala da vice gestora quando afirma: “Ah, primordial! Eu acho que a biblioteca é o espaço de conexão com a sala de aula, sabe?”. Esta fala nos indica que o papel da biblioteca nessa escola é percebido como uma extensão da sala de aula, ou seja, um local de aprendizagem permanente, onde se podem encontrar informações das diversas áreas curriculares, conforme dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), citados anteriormente neste texto.

Ao decorrer das entrevistas percebemos um ponto interessante, ou seja, uma percepção comum de que a falta do profissional na biblioteca parece ser negativo para os principais sujeitos da escola, visto que o espaço não é mais utilizado como antes, quando havia a professora de biblioteca. Quando a aluna (9º ano, 14 anos) foi perguntada sobre a frequência da utilização do espaço, ela respondeu:

(...) Hoje usa muito pouco. Eu não lembro nem mais o tempo que eu vim pra cá. Poucas vezes. Oxe! Antigamente todo dia era um trabalho diferente aqui. Tinha uma carteirinha. Quando dava o assunto na sala, a gente vinha, dizia o assunto e perguntava a tia da biblioteca qual o livro podia ajudar a gente. Na época dela tinha uma carteirinha, a gente pegava livro. Hoje em dia nem pode mais. Eu tava querendo um livro do vampiro e nem posso pegar. Eu nem venho mais aqui, porque vive assim lotada, cheia de coisa. A biblioteca virou um depósito. A gente não pode nem mais frequentar. Eu lembro que eu deixava de lanchar pra tá aqui (...)

A fala nos permite entender que a presença da professora de biblioteca na escola proporcionava o uso do espaço com uma regularidade considerável e de diversas formas. Percebe-se também a facilidade ao acesso às obras com mediação da professora e a forma como atraía os alunos, que como falado, deixavam de realizar outras atividades para estar na biblioteca. O fato de não existir mais esse profissional na escola acarretou o rompimento de todas essas atividades e a biblioteca passou, inclusive a ser um local de depósito, como, aliás, é comum em outros contextos escolares.

Houve uma aproximação entre a análise da aluna e a da professora regente, que quando perguntada se ainda utiliza o espaço da biblioteca no trabalho com seus alunos, disse:

(...) Não como antes. Hoje a gente tem que preparar o espaço... Gasta tempo organizando o espaço e mandando os alunos aos poucos. Prefiro fazer na sala de aula por causa do tempo pedagógico perdido. Prefiro assim!

Mais uma vez percebe-se a necessidade do profissional alocado na biblioteca, para que além de dinamizar e dar vida ao espaço, possa também ter um olhar mais cuidadoso em relação ao aspecto físico, acervo, manutenção dos recursos tecnológicos. Como percebemos na fala da vice-gestora:

É uma responsabilidade muito grande isso aqui, porque é um recurso público. A gente tem equipamentos... computador, tem livro, tem DVD, tem televisão, etc. O professor aqui (na biblioteca), ele consegue porque é atribuição dele dar conta do acervo e das coisas, o professor regente não vai ter um olhar para os equipamentos como a pessoa responsável vai ter ne? Então a grande dificuldade que eu sinto hoje é isso (...) Então assim, esses espaços precisam ter um responsável que acompanhe, que dê conta, que faça parceria com o professor (...) E depois que a professora de biblioteca saiu, não veio mais ninguém e a gente tem sentido dificuldade em relação à manutenção.

Sobre a função da professora de biblioteca, como já dito anteriormente, foi pensada pelo PMBFL a fim de complementar o espaço da biblioteca, pois com toda a estrutura adequada tornando o ambiente acolhedor, bem equipado e com um bom acervo, sentiu-se a necessidade de um profissional para dar vida ao espaço que tivesse capacidade de criar projetos de leitura articulados a outras metodologias de desenvolvimento das linguagens, ou seja, atuar pedagogicamente num espaço de ampliação das aprendizagens, além da parte técnica como organização do acervo, tombamento, administrar a parte de empréstimo dos livros, etc. Contudo, a proposta do programa deixa claro que o foco principal desse profissional seria o pedagógico.

Sendo assim, perguntamos aos sujeitos da Biblioteca A o que eles pensavam sobre a função da professora de biblioteca:

“Ser que nem a nossa professora de biblioteca era, muito legal, *num* tinha nem data, nem hora, ela *fazia: quer um livro? Quero!* Devolvia quando terminava, eu *mermo*, terminava um livro em dois dias. Ela ajudava muito a gente. A gente dizia que o conteúdo tinha sido difícil, e ela explicava melhor do que a professora da sala. Em português e redação ela ajudou muito a gente.” (Aluna, 9º ano)

A fala da aluna nos mostra sobre esse lado incentivador de leitura e escrita que a professora de biblioteca deve possuir, o que pelo visto foi bem cumprido pela antiga professora responsável.

Outro papel que identificamos durante as entrevistas para a professora de biblioteca foi:

“Inicialmente ser um articulador, ne? Ter ações que estimulem a leitura e a escrita, a autoria do aluno, é... faça intercambio com outros espaços, ne? O professor de biblioteca não pode trabalhar só com livro em si ne? Tem que se trabalhar no espaço com recursos diversos ne? Então, explorar o vídeo, explorar o áudio, explorar o livro. E aí para que as ações sejam pontuais, deve-se montar projetos. O que trabalhar, o que fazer, a prática vai mostrando(...) outra coisa, o trabalho do professor de biblioteca não está limitado ao espaço da biblioteca, ele ta amplo pra escola e pra fora, feiras culturais, saraus, feira literária, eventos externos, etc. (Vice-gestora)”

Na fala da vice-gestora percebe-se claramente a função da professora de biblioteca condizente com o que o PMBFL pensou. Ou seja, um profissional que articule a biblioteca com outros ambientes e capaz de elaborar projetos focados na leitura, escrita e autoria do aluno com os diversos recursos disponíveis. Outro

ponto interessante é o fato da gestão estar totalmente inteirada, atualizada, preocupada e interessada no assunto, o que para nós explica a tamanha importância dada a biblioteca pelos os sujeitos da escola.

Vale, no entanto deixar claro que a atual vice-gestora da escola é a antiga professora de biblioteca, o que certamente pode explicar o fato do olhar atencioso para esse ambiente.

6.2 Biblioteca B

Acerca da presença da biblioteca na escola, os sujeitos da Biblioteca B também afirmam a sua importância, destacamos então a fala da professora regente,

Eu acho super importante, primeiro a leitura... que o incentivo a leitura é um dos papéis mais importantes aqui da biblioteca. Além de ter uma intimidade, a crianças conhecerem os livros, poderem ter essa oportunidade. E eu percebo que elas gostam e procuram muito na hora do recreio, adoram vir na biblioteca no horário delas, gostam de levar livro para casa quando é dia de empréstimo, então eu acho super importante.

Entendemos a importância que os sujeitos da Biblioteca B dão ao incentivo à leitura e como esse espaço destinado a tal é diferenciado para os alunos, já que é um ambiente aconchegante e que eles gostam bastante.

A gestora também demonstra na sua fala a importância da biblioteca, enquanto espaço de leitura:

Porque estimula a leitura, né? É importante porque tanto desenvolve esse gosto pela leitura, quanto o aprendizado. Tem até um texto de Rubem Alves que ele diz que se a escola conseguir desenvolver no aluno o prazer pela leitura, ela já fez 50% do seu papel.

Como já vimos anteriormente, a biblioteca B é um espaço dinâmico apesar das dificuldades entendidas por nós durante as observações, como exemplo o não envolvimento dos professores regentes com as atividades da biblioteca, como vemos na fala de alguns sujeitos, a exemplo trazemos o da aluna, que quando perguntada sobre a frequência que sua professora vai à biblioteca, disse: “Ela não vem. Quem traz a gente é a professora da biblioteca”.

Podemos confirmar o fato quando é perguntado à professora regente sobre como utiliza a biblioteca, juntamente com a professora responsável pelo espaço, no trabalho com os seus alunos:

Bom... pra falar a verdade eu não uso tanto a biblioteca como deveria, por que? Porque eu tenho uma rotina diária de leitura todos os dias na minha sala. Eu tenho um acervo dentro da minha sala, que eu faço empréstimo aos meus alunos. Mas realmente eu não uso tanto, sabe? Mas acho muito importante e como professora pego muitos livros aqui.

No entanto sabemos que apesar da importância do cantinho de leitura na sala de aula o mesmo não substitui o espaço da biblioteca (PIERUCCINI, 2011), como também sabemos da importância desse trabalho conjunto entre professores regentes e professora de biblioteca. Contudo, a fala da professora de biblioteca revela que há um trabalho, que os projetos são levados aos professores, mas de fato no período das observações não conseguimos perceber com maior ênfase:

“É um trabalho conjunto. Os projetos a gente leva, propõe. Por exemplo, essa história da copa está ótimo. Eles não tinham noção de nada. Sabe o que é nada? Tinha gente que não sabia o que era copa. E por mais que o professor falasse em sala de aula, eles estavam *perdido*. Até quando tem algum professor meio doente, aí eu vou e pego metade da turma e trago pra cá.” (Professora de biblioteca)

Nessa mesma fala, como também nas observações percebemos que a professora traz pra si uma responsabilidade de apoiar a escola quando um professor falta ou está adoentado, ficando com a turma. O que de certa forma é interessante, já que a mesma se vê como parte da escola e com o dever de ajudar quando necessário.

Tal posição pode ser confirmada quando a professora regente é perguntada sobre a função do professora de biblioteca:

“Bom, a professora de biblioteca é uma maravilha! As crianças toda semana vão à biblioteca para trabalhar algum projeto com ela. Ela também dá bastante suporte sabe? Tipo, quando um professor falta, porque a escola é muito grande né? Aí ela fica com a turma, faz um trabalho diferente com os alunos nesse dia! Ajuda bastante! Então eu acho assim, que a função dela é dá esse suporte, na leitura principalmente, levar algo diferente pros meninos, sistematizar melhor assuntos que não conseguimos dentro da sala de aula.” (Professora regente, 3º ano)

Como já exposto, a biblioteca deve ser o espaço para o desenvolvimento da leitura, escrita e criação do aluno em articulação ao acesso à informação (BANDEIRA, et al, 2009, p. 15), tendo isso em vista perguntamos aos sujeitos sobre como a biblioteca auxilia na aprendizagem dos alunos, achamos interessante apresentar a fala da professora de biblioteca:

“Percebo muito. Muito, muito, muito. Tanto que às vezes, assim, eu pergunto de uma aula anterior eles se lembram. Falo muito da atenção, que às vezes a pessoa não sabe ler, mas se tiver atenção pode aprender muitas coisas. É porque é difícil pro professor, além de toda matéria que tem que dar, e ainda trabalhar esse miudinho é complicado, chamar um aluno. Aí eu chamo, leio, escrevo e isso ajuda bastante.” (Professora de biblioteca)

Entendemos que esse auxílio na aprendizagem dos alunos se dá através desse “apoio” aos professores, onde a professora de biblioteca dá uma atenção maior e um olhar mais atencioso àqueles alunos com maiores dificuldades em leitura e escrita.

7. Conclusão

A pesquisa realizada aponta para o fato de que as várias políticas de distribuição dos livros existentes e o concurso para o ingresso da professora na biblioteca não são suficientes. É necessário que haja uma formação para qualificar esses profissionais que irão atuar nesse ambiente, visto a inegável importância desse profissional para o que a biblioteca se propõe.

Concluimos também que a biblioteca, por sua vez, deve estar adequada quanto a sua estrutura, no que diz respeito ao seu estado de conservação, disposição do mobiliário, ambientação, materiais que dispõe, equipamentos, localização do acervo e catalogação, na medida em que entendemos a biblioteca como um espaço criado especialmente para a leitura e seus desdobramentos. (PIERUCCINI, 2011)

Além da estrutura, deve-se ter uma preocupação com o seu funcionamento, com relação ao atendimento aos usuários, programações semanais permanentes, mediações, bom relacionamento com quem frequenta o espaço e o mediador, vale salientar que esse espaço deve ser aberto não somente aos professores e alunos, mas também a outros membros da comunidade escolar e extra-escolar.

Todos esses pontos abordados anteriormente devem servir de base para as próximas medidas a serem tomadas, ou seja, além da obrigatoriedade da biblioteca dentro da escola, atentar para uma estrutura e profissional adequados.

8. Referências

ARENA, Dagoberto Buim. **Leitura no espaço da biblioteca escolar. In: Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: o mediador em formação.** Renata Junqueira de Souza (org.). Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

BANDEIRA, Carmem Lucia; ROSA, Ester C. S.; BRANDÃO, Maria Solange (orgs), (2008). **Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores: uma política de leitura na Rede Municipal de Ensino do Recife. Cadernos da Educação Municipal.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife. V. 04.

BATISTA, Pollyana da Silva. **Biblioteca escolar no Brasil: estudo sobre vários aspectos.** Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação básica, (2008b). **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): Leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras.** Andrea Berenblum e Jane Paiva (elaboração). Brasília: Ministério de Educação.

CAMPELLO, Bernadete. **O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional.** Ci. Inf., Brasília, v 32, n 3, p. 28 – 37, set/dez. 2003

FERNANDES, Célia Regina Delácio. Letramento literário no contexto escolar. In: **Nas trilhas do letramento: prática e formação docente.** Campina, SP: Mercado de Letras; Dourado, MS: Editora da Universidade Federal do Grande Dourados, 2011. P. 321-348.

GURGEL, Wildoberto Batista. **A Triangulação em debate: considerações sobre o modelo minayano de avaliação por triangulação de métodos.** Ciências Humanas em Revista: São Luis. V.5. n.1. 2007.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro & MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa. Um Guia Prático**. 1ª Ed. Itabuna – BA: Via Litterarum Editora, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MOTA, Francisca Rosaline Leite. **Bibliotecários e professores no contexto escolar: uma interação possível e necessária**. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/321.pdf>.> Consultado em 03/02/2014.

PIMENTEL, Graça. BERNARDES, Liliâne. SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PIERUCCINI, Ivete. **Ambientes e modos de leitura**: em busca da significação dos escritos. São Paulo, 2011. p.77-99.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. 1ª edição – São Paulo: Biruta, 2009. P.51-91

ROSA, Ester C.S. **A professora na Biblioteca escolar**: identidade e práticas de ensino na formação de leitores. *In*: LEAL, Telma F. e MARCUSCHI, Beth (orgs), (2011). Estudos sobre educação e linguagem: da educação infantil ao ensino médio. Recife: Ed. Universitária da UFPE.